

Cartografando a[r]tivismos em tempos de [re]existência: Arte e política em tempos sombrios

Leonardo de Marchi^I

<http://orcid.org/0000-0001-5654-8938>

Julia Ourique^{II}

<https://orcid.org/0000-0002-0308-3126>

I - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Rio de Janeiro (RJ). Brasil.

II - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Rio de Janeiro (RJ). Brasil.



FERNANDES, C. S.; HERSCHMANN, M.;
ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. (orgs).

**A[r]tivismos Urbanos: [sobre]vivendo
em tempos de urgências.** Rio de Janeiro,
RJ: Editora Salina, 2022. 480 p.

Resumo: A coletânea *A[r]tivismos Urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgências* propõe refletir sobre as relações entre arte, política e cidade nos últimos anos. Organizado por Cíntia S. Fernandes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Micael Herschmann, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rose de Melo Rocha, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) e Simone Luci Pereira, da Universidade Paulista (Unip), o livro contém artigos que tratam das distopias políticas contemporâneas, dos debates de gênero e/ou raciais, e da ressignificação da cidade por meio do a[r]tivismos.

Palavras-chave: arte; política; arte e cidade; movimentos artísticos; movimentos sociais.

Abstract: A cartography of a[r]tivism in times of [re]existence: Art and politics in dark times - The collection *A[r]tivismos Urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgências* proposes a reflection on the connections between art, politics and the city in recent years. The book organized by Cíntia S. Fernandes, of Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Micael Herschmann, of Universidade Federal do Rio (UFRJ), Rose de Melo Rocha, of Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) and Simone Luci Pereira, of Universidade Paulista (Unip) brings articles that deal with political dystopias, gender and/or racial contemporary debates, and the resignification of the urban areas by a[r]tivism.

Keywords: arts; politics; arts and city; art movements; social movements.

Se adotarmos um entendimento do fascismo não apenas como um acontecimento historicamente situado, mas como uma força política que é inerente à dinâmica vida social moderna, tendo características estruturais que se mantêm ao longo da história, podemos desenvolver um debate mais refinado sobre as causas e consequências de sua atual [re]emergência. Nessa perspectiva, o fascismo tampouco deve ser entendido como um mero movimento político, organizado ao redor de partidos e que apenas visa obter o poder político; ele deve ser concebido como uma forma [contra]revolucionária de vida, a qual propõe outro mundo possível. Explica-se, assim, que o fascismo busca alterar o próprio modo de subjetivação dos indivíduos, agindo sobre a circulação do desejo, a linguagem e o corpo (trabalho).

Um movimento decisivo é, nesse sentido, a guerra contra as artes. Para a criação do *homem novo* do fascismo, é imperativo impedir que a sensibilidade dos indivíduos seja afetada de outras formas, pois isso pode criar diferentes circuitos de afetos que não aquele desejado pelo ideal fascista. É justamente isso que a arte faz. A arte altera a sensibilidade do dia a dia, retirando os indivíduos do estado *blasé*. A arte cria outras temporalidades quando estamos submersos no acelerado fluxo de trabalho. A arte nos expõe

a outras possibilidades de corpos, abrindo outros circuitos para a circulação do desejo. A arte é, portanto, o pior inimigo do fascismo.

Não surpreende que tão logo a [nova] extrema-direita tenha [re]emergido, ela tenha atacado as artes. O Brasil apresenta, desgraçadamente, uma notável coleção de exemplos. Sua primeira manifestação foi em 2017, quando a exposição *Queermuseu*, que reunia obras de arte dedicadas à questão de gênero, foi cancelada em Porto Alegre (RS) após ataques organizados de grupos extremistas. Nas redes de WhatsApp bolsonaristas, tornou-se lugar-comum a acusação de que os artistas eram todos *comunistas*, pois subvencionados pelo governo do Partido dos Trabalhadores (então, no poder) por meio da manipulação da Lei Rouanet (DE MARCHI, 2017). Em seu primeiro dia de governo, o presidente Jair Bolsonaro extinguiu o Ministério da Cultura, criando em seu lugar uma opaca Secretaria Especial da Cultura, controlada por indivíduos alinhados ao seu projeto político de guerra contra as artes. O ápice dessa manobra para a desconstrução da institucionalidade das artes foi o discurso do ex-secretário da cultura, Roberto Alvim, em 2020, quando reproduziu uma conhecida palestra de Goebbels.

Em tempos de urgência, porém, as artes se tornam mais decisivamente políticas. Não é acaso que testemunhamos nos últimos anos o fortalecimento das relações entre arte e política, a ponto de se propor o conceito de *artivismo*. Rose de Melo Rocha (2019, p. 2) entende o termo como “práticas, posturas e linguagens nas quais o engajamento é necessariamente um tema de resistência, dissidência ou dissenso”. Ele não é empregado, contudo, sem polêmica. Críticos observam que uma estreita relação entre arte e política pode ser encontrada já nos movimentos artísticos de vanguarda do início do século XX, como o dadaísmo, o futurismo e o surrealismo (SEMOVA, 2019). Nas décadas de 1960 e 1970, o entrelaçamento entre arte e política se torna ainda mais sensível à medida que os artistas se envolvem diretamente com causas políticas urgentes, seja a luta revolucionária, seja movimentos por direitos civis às minorias raciais e/ou questões de gênero ou, ainda, os movimentos de descolonização no sul global. Mesmo reconhecendo essa trajetória, os defensores da denominação *artivismo* sublinham que seu uso contemporâneo se refere às formas de associação orgânica entre os ativismos políticos e a poética da arte, isto é, com um uso mais intenso de formas de ação política (guerrilha, táticas, estratégia) no processo de criação artística (FERNANDES *et alii*, 2022, p. 18). Dá-se, assim, uma associação estreita entre arte e ativismo, podendo-se falar em *a[r]tivismo*.

Na América Latina, o termo se tornou usual a partir das mobilizações políticas nas ruas, que se utilizavam da estética das redes sociais para debater questões como a violência do Estado, o racismo, a homofobia e o machismo. Um exemplo do atual a[r]tívismo ocorreu durante os protestos feministas do movimento argentino *Ni Una Menos* (Nem Uma a Menos, numa tradução livre), criado em 2015, após dois casos de feminicídio ocorridos naquele ano. A crueldade das mortes daquelas mulheres criou uma revolta nas redes sociais, com protestos de artistas visuais e jornalistas por meio do uso da *hashtag* #NiUnaMenos, e, posteriormente, tomou as ruas da Argentina e de outros países das Américas, Europa e Ásia (GALVANI, 2019). A força da iniciativa levou as feministas chilenas a criarem, em 2019, a canção “Un violador en tu camino” (Um violador no seu caminho, numa tradução livre), que foi traduzida para diversas línguas, permitindo-lhe utilizar “o artívismo [...] como arma de combate e de subjetivação” (ROCHA, 2019, p. 3).

O contexto político e cultural que permite a emergência do a[r]tívismo é objeto de reflexão da coletânea *A[r]tivismos urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgências* (Editora Sulina, 2022), organizada por Cíntia Sanmartin Fernandes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Micael Herschmann, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rose de Melo Rocha, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) e Simone Luci Pereira, da Universidade Paulista (Unip). Essa obra é um dos resultados da rede de pesquisadores em artivismos urbanos, articulada pelo grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da UFRJ, pelo grupo de pesquisa em Comunicação, Arte e Cidade (CAC), da UERJ, pelo grupo de estudos Juvenália, da ESPM-SP, e pelo grupo de pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação, da Unip.

A obra traz artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discutem diversas interfaces entre arte e política na contemporaneidade, tendo como ponto de convergência o conceito de *[re]existência*. De acordo com os autores:

Mencionamos a noção de “(re)existência” aqui [...] e a utilizamos justamente buscando escapar de uma perspectiva mais engessada, opositiva e binária das tensões sociais presentes e relevantes em determinado contexto. Nesta perspectiva, buscamos valorizar outros aspectos presentes nas atividades da vida social, caracterizadas pelas dinâmicas entre continuidade/descontinuidade, pelas possíveis articulações e negociações com o outro, bem como pela capacidade dos atores de se reinventarem e criarem fissuras [...]

nas estratégias vigentes. [...]. Em outras palavras, a noção de “(re)existência” parece dar mais conta de dinâmicas sociais cotidianas amplas e complexas, nas quais os atores não só resistem, mas também protagonizam, ocupam, negociam, escapam, existem, criam, perseveram, e assim por diante. (FERNANDES *et alii*, 2022, p. 16-17)

Além da introdução assinada pelos organizadores, a coletânea contém 19 textos, distribuídos em três partes: uma dedicada a questões políticas e de estética contemporânea; outra, às relações entre movimentos artísticos e questões de gênero; finalizando com um capítulo dedicado a pensar as intervenções artísticas e a experiência da vida urbana.

Após uma detida apresentação dos conceitos empregados na obra, assinado em conjunto pelos organizadores, a coletânea abre com o artigo de Erick Felinto (UERJ) e Richard Grusin (Universidade de Wisconsin-Milwaukee) sobre as estratégias midiáticas da extrema-direita nos Estados Unidos e no Brasil, com base no conceito de *mediação gore*. Adotando o provocativo argumento de Sayak Valencia de que estaríamos testemunhando a adoção de práticas necropolíticas do capitalismo periférico pelos países do norte global, Felinto e Grusin buscam pensar como Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro compartilham das mesmas estratégias de comunicação midiática para promover sua guerra cultural. Como dizem os autores, o conceito de *mediação gore* tem como objetivo “ênfaticamente que tais mediações inflamatórias são violentas em si mesmas. Tanto Trump quanto Bolsonaro usam a mediação gore para infligir dor afetiva, emocional, social e psicológica [...] em seus alvos” (FELINTO; GRUSIN, 2022, p. 48). Com base nesse diagnóstico, propõem estratégias para se contrapor e desmontar essa retórica do ódio que fundamenta a comunicação da extrema-direita global.

As ligações do ativismo com gênero, feminismo e música são abordadas de forma introdutória no artigo de Rose de Melo Rocha e Thiago Rizan. Por meio da perspectiva cartográfica proposta por Suely Rolnik, os autores nos guiam em diversos caminhos dentro da polissemia do ativismo. Elaboram sobre o contexto audiovisual ativista dos jovens periféricos, sobre a música feminista e sobre a dissidência subversiva advinda de artistas LGBTQIA+. O texto proporciona ao leitor uma série de sugestões teóricas para sua pesquisa sobre o tema, sem nunca apresentar uma resposta única, mas instigando o leitor a questionar e encontrar por si o melhor caminho. Ao fim do artigo, a

pista que nos é apresentada é de que “afrontar” seja a definição da prática artista, ou seja, “para haver ativismo é preciso que haja uma política de ruptura, de dissenso nos termos rancierianos, um questionamento mobilizado” (ROCHA; RIZAN, 2022, p. 145).

O artigo de Micael Herschmann (UFRJ) e Cíntia Fernandes (UERJ) elabora um estudo de caso sobre a festa de rua itinerante Black Bom e a posterior transformação da festa em Instituto, fortalecendo uma rede de atores voltados para o afroempreendedorismo. Nesse caso, o ativismo musical se dá não só pelo resgate das raízes de gêneros musicais afro (*black, reggae, funk* e samba), mas também pela ocupação territorial por meio da arte, realizada na Pequena África, localizada na Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro. A relação entre música, cidade e ocupação política se dá fortemente no estudo de caso, quando acompanhamos as diversas mudanças ocasionadas pela falta de apoio — histórica — do governo vigente e do Estado, além de fatores fora do controle, como o caso da pandemia de covid-19. Percebido externamente como uma festa, o baile Black Bom aparece também como espaço de “atuação resiliente e polinizadora da música negra na cidade do Rio”, enquanto investe em “práticas artistas étnico-raciais” articulando música e economia solidária e criativa (HERSCHMANN; FERNANDES, 2022, p. 212).

A ocupação de territórios como ferramenta artista também aparece no ensaio de Simone Luci Pereira (Unip) e Priscila Bezerra (Unip) sobre a ocupação Ouvidor 63. Considerada a maior ocupação artística da América Latina, a Ouvidor 63 é também um *coletivo de coletivos*, abrigo de artistas brasileiros e estrangeiros em um esquema de autogestão horizontal dividido no prédio de 13 andares, em que cada andar é dedicado a um agrupamento artístico (LGBTQIA+, negros, feministas, imigrantes etc.). Ao ocupar esse território no Centro de São Paulo, eles reivindicam a cidade como local de moradia e lazer, direitos humanos tão pouco lembrados em governos neoliberais. O artigo fala sobre a instalação dessa ocupação, o contexto pré e pós-pandemia e como se organizam os moradores-artistas dentro desse contexto em que fazer arte é político e também uma forma de [re]existir.

A temática de subversão de imaginários por meio do território segue no artigo de Simone Pereira de Sá, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Utilizando como objeto o videoclipe *Girl from Rio*, da cantora Anitta, a autora fala sobre o imaginário em relação à cidade do Rio de Janeiro, performatividade de gênero e sonoridades contemporâneas, e faz uma conexão com

o ativismo político demonstrado nas redes sociais da artista. Dando continuidade às suas discussões anteriores sobre clipes como elemento de articulação em redes sociotécnicas, Pereira de Sá conclui seu texto com comentários sobre a potência do videoclipe na era pós-MTV, capaz de comprometer-se com “pluralidade e com as questões de gênero, etnia e ativismo político” (PEREIRA DE SÁ, *In*: PEREIRA DE SÁ; BEZERRA, 2022, p. 263)

Na terceira seção da coletânea, o ensaio de Fabio La Rocca, da Universidade Paul-Valéry 3, merece atenção. Propondo pensar a cidade como *stimmung*, usualmente traduzido como *ambiência*, o autor apresenta uma reflexão sobre como as intervenções artísticas nas cidades nos permitem “reinventar a prática de utilizar o espaço e os lugares como um momento efêmero de reapropriação que se origina em uma atmosfera de estetização geral” (LA ROCCA, 2022, p. 405). Adotando a hipótese de estetização do mundo, La Rocca sustenta que nossa experiência urbana é hoje profundamente perpassada por uma aguda sensibilidade estética que nos permite experimentar outras atmosferas da vida urbana e da socialidade.

A variedade de objetos e discussões teóricas e metodológicas reunidos na coletânea fazem dessa obra uma referência inescapável para o debate sobre a[r]tivismos. Mas não apenas isso. Ela se torna uma leitura necessária para que, nesses tempos sombrios do [neo]fascismo, possamos entrever outros mundos possíveis.

Leonardo de Marchi é professor adjunto na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

leonardo.demarchi@eco.ufrj.br

Julia Ourique é mestranda em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ).

juliaourique3@gmail.com

Contribuições de cada autor: Leonardo De Marchi foi responsável pela fundamentação teórica da resenha e pela escrita da primeira parte do texto. Julia Ourique foi responsável pela análise dos artigos e pela escrita segunda parte do texto.

Referências

DE MARCHI, L. Da cultura como política aos perigos para as políticas culturais: uma revisão do MinC (2003-2016) e comentários sobre o futuro das políticas culturais. *In*: MONTEIRO, L. M.; SANTANA, L. (orgs.). **Temerosas transações**: ensaios sobre o golpe recente no Brasil. Santa Cruz do Sul: Essere nel Mondo, 2017. p. 111-128.

FELINTO, E.; GRUSIN, R. Mediação gore e o *bromance* de Jair Bolsonaro e Donald Trump. *In*: FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022. p. 33-58.

FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022.

GALVANI, G. “O estuprador é você”: música feminista contra a violência de gênero percorre o mundo. **Carta Capital**, São Paulo, 01 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-estuprador-e-voce-musica-feminista-contra-violencia-percorre-o-mundo/>>. Acesso em 3 set. 2022.

HERSCHMANN, M.; FERNANDES, C. S. Algumas anotações sobre o ativismo musical negro: o Black Bom nas ruas do Rio de Janeiro. *In*: FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022. p. 194-220.

LA ROCCA, F. Formas de criatividade culturais: uma leitura estética das ambiências e atmosferas urbanas. *In*: FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022. p. 405-422.

PEREIRA, S. L.; BEZERRA, P. M. Ocupação Ouvidor 63: sentidos dos activismos urbanos no centro de São Paulo. *In*: FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. **A[r]tivismos urbanos**: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022. p. 323-352.

ROCHA, R. M. Artivismos musicais de gênero e suas interfaces comunicacionais. *In*: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 2019, São Paulo **[Anais eletrônicos...]**. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1662-1.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ROCHA, R. M.; RIZAN, T. Pistas reflexivas para uma cartografia dos activismos de gênero no Brasil. *In*: FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L.

A[r]tivismos urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022. p. 127-150.

SÁ, S. P. Para além da Garota de Ipanema: negociações da identidade carioca construídas no videoclipe da cantora Anitta. *In:* FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. **A[r]tivismos urbanos:** [sobre]vivendo em tempos de urgência. Porto Alegre: Sulinas, 2022. p. 251-270.

SEMOVA, D. J. *et alii.* (eds.) La creatividad activista. *In:* **Entender el artivismo.** Oxford: Peter Lang, 2019.

Resenha recebida em 04/09/2022 e aprovada em 10/09/2022.